
Mateus, anarquista: o “homem delinquente” em *Amanhã* (1901)

Mateus, anarchist: the “delinquent man” in Amanhã (1901)

Luciene Marie Pavanelo
Universidade Estadual Paulista

Moisés Baldissera da Silva
Universidade Estadual Paulista

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2022.n47a476>

RESUMO

Objetiva-se analisar Mateus, protagonista do romance naturalista *Amanhã* (1901), de Abel Botelho. No final do século XIX, Cesare Lombroso escreve *O homem delinquente* (1876) e *Os anarquistas* (1894), em que propõe traçar o perfil de um “delinquente nato”. Em Portugal, Abel Botelho publica a pentalogia intitulada “Patologia Social”, com a qual pretendeu criticar a sociedade portuguesa finissecular, e da qual faz parte *Amanhã*. Devido ao contexto histórico, sugere-se que Abel Botelho leu as obras de Cesare Lombroso para construir o protagonista de *Amanhã*. Como procuraremos demonstrar, desde a infância de Mateus, identificamos características que formarão seu caráter de “homem delinquente”.

PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo; Abel Botelho; Positivismo; Cesare Lombroso.

ABSTRACT

We aim to analyze Mateus, protagonist of the naturalist novel *Amanhã* (1901), by Abel Botelho. At the end of the 19th century, Cesare Lombroso wrote *Delinquent man* (1876) and *The anarchists* (1894), in which he proposed to draw the profile of a “born delinquent”. In Portugal, Abel Botelho publishes the pentalogy entitled “Social Pathology”, with which he intended to criticize late-century Portuguese society, and of which it is part *Amanhã*. Due to the historical context, it is suggested that Abel Botelho read the works of Cesare Lombroso to build the protagonist of *Amanhã*. As we will try to demonstrate, since the childhood of Mateus, we identify characteristics that will form his character as a “delinquent man”.

KEYWORDS: Naturalism; Abel Botelho; Positivism; Cesare Lombroso.

Ao longo do século XIX, em oposição à metafísica e cosmologia romântica, os “estudos orgânicos”, como aponta Maria Helena Santana, assumem “importância crescente [...] no espaço confluyente das ciências do homem e da vida” (2007, p. 39). Em resposta ao movimento científico de seu tempo, Auguste Comte (1798 – 1857), precursor da ciência positiva, redige o *Cours de Philosophie Positive* (publicado entre 1839 e 1842), no qual aponta o método da observação e experimentação, além da relação entre o homem (orgânico) e o meio.

Cerca de vinte anos após a primeira publicação do *Cours de Philosophie Positive*, e após grande expansão da filosofia positivista, o inglês Charles Darwin (1809 – 1882) publica a obra *On the Origin of Species by Means of Natural Selection* (1859). As teorias darwinistas provocam mudanças consideráveis na teoria positivista, acrescentando à ideia da influência do meio o conceito de seleção natural. Dessa confluência, surge o darwinismo social, em que há uma hierarquia, portanto, uma superioridade, de um grupo social sobre outro. Para demonstrar tal ponto de vista, utilizou-se com grande frequência os estudos fisiológicos. Santana aponta que

A medicina era, e continuou a ser nas décadas seguintes, o principal depositário do conhecimento relativo ao homem. Substituindo-se à metafísica e à teologia, a medicina apropriara-se do ser integral, corpo e espírito. Estava por isso em condições de reivindicar o estatuto de ciência positiva por excelência. (SANTANA, 2007, p. 55).

Soma-se a esse status de ciência positiva a utopia de “aperfeiçoamento progressivo da humanidade como resultado da educação e da reforma social” (SANTANA, 2007, p. 62), que acaba por gerar o higienismo social. Portanto, para os médicos daquele período, torna-se necessária a extinção dos males sociais, como a criminalidade e a prostituição.

Porém, como apontar clinicamente um homem criminoso, ou uma mulher prostituta? É o que Cesare Lombroso, italiano formado pela Universidade de Pavia, especialista em psiquiatria, propõe ao inaugurar a Escola Positiva do Direito Penal, em Turim. O surgimento da Escola Positiva é inspirado pelo positivismo de Auguste Comte e, mais precisamente, pelo positivismo evolucionista advindo das ideias de Darwin.

Na introdução de *O homem delinquente* (1876), de Lombroso, Sebastião José Roque aponta que

[...] para justificar suas teorias, foi a pesquisa constante na medicina legal, dos caracteres físicos e fisiológicos, como o tamanho da mandíbula, a conformação do cérebro, a estrutura óssea e a hereditariedade biológica, referida como atavismo. O criminoso é geneticamente determinado para o mal, por razões congênitas. Ele traz no seu âmago a reminiscência de comportamento adquirido na sua evolução psicofisiológica. É uma tendência inata para o crime. (ROQUE, 2016, p. 7).

Em 1901, o escritor português Abel Botelho (1854 – 1917) publica o romance *Amanhã*, terceiro volume de sua pentalogia intitulada “Patologia Social”, com a qual pretendeu criticar a sociedade portuguesa

finissecular. Segundo Massaud Moisés (1961), Mateus, o personagem principal de *Amanhã*, com sua simpatia pelos ideais anarquistas, representaria a patologia da “exagerada vida mental”. Tendo-se em vista que Cesare Lombroso foi bastante lido na Europa no final do século XIX, tendo muito provavelmente influenciado o olhar de Abel Botelho, tentamos, com base nos estudos do médico italiano, analisar a construção do protagonista de *Amanhã* como um “homem delinquente”.

Começaremos, assim, analisando a infância de Mateus, cuja família pertencia à aristocracia portuguesa. “Era filho dum grande proprietário do Alto Douro” (BOTELHO, 1982, p. 178), seu pai possuía terras e produzia vinhos, mas perde suas propriedades devido às confiscações dos miguelistas, levando-o à falência. A crise familiar é inevitável. A mãe “tinha morrido de desgosto, entrevadinha e idiota na sua cama, onde não fazia mais volume que um graveto seco” (BOTELHO, 1982, p. 180). Seu irmão partira para o Brasil e não se teve mais notícia. Por fim, seu pai também morre.

Por consequência dos trágicos eventos que ocorreram na tenra idade do personagem, “sucedeu que o espírito impressivo e ávido do Mateus se abriu à compreensão num envenenado ambiente de desenganos e tristezas” (BOTELHO, 1982, p. 179), além de ter se instalado “na substância mesma do seu ser um arreigado gérmen pessimista, um instintivo ódio mesclado de desprezo por todas as fórmulas e convenções sociais” (BOTELHO, 1982, p. 179).

Cesare Lombroso, no subcapítulo “Cólera”, de *O homem delinquente*, aponta que

os germens da demência moral e da delinquência encontram-se, não excepcionalmente, mas normalmente nas primeiras idades do ser humano. [...] O menino representaria como um ser humano privado de senso moral, este que se diz dos frenólogos um demente moral, para nós, um delinquente-nato. Há nisso toda a violência da paixão. (LOMBROSO, 2016, p. 59).

O autor ainda acrescenta a frequência com que constatou a precocidade de vingança em meninos. Assim, podemos supor que, após uma crise de cólera, o jovem Mateus terá em seu cerne o sentimento de vingança contra “todas as fórmulas e convenções sociais” (BOTELHO, 1982, p. 179), que, precisamos ressaltar, eram estabelecidas pela hierárquica sociedade portuguesa, a mesma que confiscou tudo de seu pai e os levou à falência.

Após a perda de todos os membros da família, “um antigo sócio e amigo de seu pai, do Porto, mandou ir o pequenino órfão, que ficara sem nada, sem ninguém no mundo, e arranhou-lhe admissão no colégio do padre Siks, a Cedofeita” (BOTELHO, 1982, p. 180). Nessa instituição de ensino religiosa, Mateus “Só amava a solidão. Nos dormitórios, nas salas de estudo conservava sistematicamente o silêncio; nas horas de recreio procurava o inalterável abrigo da sombra.” (BOTELHO, 1982, p. 180). No período em que Mateus vive no internato, mais uma vez a cólera é apontada como uma alteração de seu caráter:

Mateus não pôde esquivar-se à generosa cólera do seu coração, às sugestivas fulminações do seu espírito. Com uma admirável coragem, com uma sinceridade absoluta, parecendo até que vivamente rejubilando de poder dar vazão por esta válvula, que tão a propósito lhe aparecia, à demolidora febre que o trabalhava, ele escreveu uma longa tese, fidelíssimo traslado do seu sentir (...). (BOTELHO, 1982, p. 180-181).

No excerto acima, Mateus escreve uma redação como atividade obrigatória do seu terceiro ano escolar, cujo tema é a história da Companhia de Jesus. Esse seria o primeiro indício da “superior degenerescência de Mateus, figura soberba de homem agitado por altas ideias de justiça e paz social” com “exagerada vida mental, raian-do a paranoia” (MOISÉS, 1961, p. 23-24).

Para Cesare Lombroso, ainda na infância, a vaidade é “um fundamento da megalomania e da criminalidade nata, que é a variedade excessiva, a preocupação de si mesmo, é enorme nos meninos” (LOMBROSO, 2016, p. 68). O médico italiano também aponta:

Quanto ao nível de instrução, pode-se dizer que como ela favorece a algumas minguadas espécies de crimes, também aumentam algumas demências, como por exemplo, as doenças, o alcoolismo, as *manias literárias*, diminuindo outras, como as demonomanias e as monomanias religiosas e epidêmicas, as manias homicidas e dando a todas um colorido menos violento e ignóbil. (LOMBROSO, 2016, p. 151, grifo nosso).

O protagonista Mateus, com a idade de 14 anos, chama a atenção dos seus professores não “só [pela] audácia, o infantil desejo das proposições; mas tamanha soma de conhecimentos, em tão escassos anos assimilados” (BOTELHO, 1982, p. 183). Retomando a citação de Lombroso, as “manias literárias” estão presentes na formação do jovem, algo incomum, que faz com que os padres questionem:

Como se obtivera aquele prodígio? Quem lhe arranjava tão maus livros? Por que sobrenatural poder alcançara semelhante fedelho tamanha soma de erudição? Aquelas lúcidas sínteses de critério, aquela lapidar segurança no dizer? Pareciam artes do diabo... Porque, para mais, ninguém, ao vê-lo, poderia nem de leve imaginar que um ente assim miudinho e tímido pudesse deflagrar em heréticos ímpetos, que naquele pautado e melindroso cérebro escachasse um vulcão de blasfêmias. E sinceramente estas considerações desconcertavam-nos. Desde o começo que os ardilosos embaidores, em Mateus fariscando um espírito disciplinado e uma rara inteligência, dele haviam planeado fazer, moldando-o a preceito, mais um sutil e manso cooperador. Mas estas últimas manifestações do garotaço ameaçavam frustrar-lhes o intento. Pretendiam fazer dele um neófito, saía-lhes um demolidor. (BOTELHO, 1982, p. 183).

Pelo interesse dos padres em manter Mateus na carreira religiosa lhe é dada a segunda chance para a escrita da redação. Entretanto, o personagem não estava disposto a lidar com a imposição da fé pela hipocrisia clerical e, ao escrever o segundo texto, foi mais incisivo em sua crítica, acarretando-lhe a punição de reclusão apenas a pão e água. Por esse motivo, Mateus foge da escola. E, estando mais uma vez só,

cresceu e se formou, de reigota sempre contra o destino, como um titânico remador, e por cada novo triunfo mais e mais aziumado o coração dum grande travo de amargura. Assim impubesceu, sem desfalências e sem risos, sem distrações sensuais, olhando sempre alto e na frente, na mais infantil e cândida despreocupação do amor. Fez-se à custa de muita dor represa de muita lágrima chorada a cristalização estóica da sua alma. E daí lhe veio essa atenção particular pelos quadros de miséria, a sua grande curiosidade enternecida pelos que sofriam, a sua fúria iconoclasta pelas iniquidades sociais. (BOTELHO, 1982, p. 185).

No trecho acima, o protagonista, apesar de vivenciar uma situação difícil, desenvolve o altruísmo. Na obra *Os anarquistas* (1894), Cesare Lombroso questiona:

Aqui surge, para o psiquiatra e para o sociólogo, um difícil problema. Como é possível que nestes indivíduos, loucos e criminosos, quase todos neuróticos e grandes apaixonados, conheça-se um altruísmo que não se encontra na maioria dos homens e, tão pouco, nos loucos e criminosos, que são sempre os maiores egoístas do mundo? (LOMBROSO, 1895, p. 52, tradução nossa)¹.

¹ Do original: “Aquí surge, para el psiquiatra y para el sociólogo, un difícil problema. ¿Cómo es posible que en estos individuos, locos, criminales para casi todo el mundo, neuróticos y grandes apasionados, se de un altruismo que no se encuentra en la generalidad de los hombres, y mucho menos aun en los locos y en los criminales, que son siempre los mayores egoístas del mundo?”

Assim, após todo o seu sofrimento, inicia-se a formação de Mateus como um personagem com voz política. E simpatizante dos ideais anarquistas.

Após a fuga, o protagonista passa a hospedar-se em uma casa na Rua da Glória “a três tostões por dia, cama e comer” (BOTELHO, 1982, p. 185). É nesse local que Mateus se aproxima dos mais pobres e aprofunda seu conhecimento com as teorias anarquistas, socialistas e comunistas. Na Escola Politécnica, durante uma das aulas de Economia Política, Mateus improvisa uma apresentação contra as desigualdades e opressões do regime social, citando a obra *O Capital* (1867), de Karl Marx. Ao longo da fala do personagem, o professor tenta por várias vezes interrompê-lo, mas recebe de Mateus o seguinte brado como resposta: que o professor estaria “vendido também à burguesia” (BOTELHO, 1982, p. 187). Após o ocorrido, foi expulso por um ano e “julgou incompatível com a sua dignidade a Escola, deixou definitivamente os estudos oficiais.” (BOTELHO, 1982, p. 187). A postura soberba e intransigente se confunde com a sua postura caridosa e flexível, como quando resolveu “se aproximar mais dos humildes, para depois os comocionar, identificar-se primeiro com eles.” (BOTELHO, 1982, p. 188).

Para Cesare Lombroso,

Há, sem dúvida, anarquistas malvados. Mas, a maioria deles são bons, transformados por uma excessiva sensibilidade em maus. É necessário tornar-se anarquista após ver o patrão quebrar o braço do aprendiz. Élisée Reclus se diferencia por sua bondade sem limites. (LOMBROSO, 1895, p. 52, tradução nossa)².

² Do original: “Hay, sin duda alguna, anarquistas malvados; pero la mayor parte son buenos, transformados por una excesiva sensibilidad en malos; se ha dado alguna vez el caso de volverse uno anarquista por ver a su patrón romper un brazo al aprendiz. E. Reclus se distingue por su bondad sin limites.”

Por estar em contato frequente com o proletariado, e pela inconformidade com a situação dos indivíduos marginalizados, Mateus procurou participar ativamente da engrenagem de transmissão dos ideais políticos socialistas, anarquistas e comunistas, correspondendo-se diretamente com diretores de jornais como o *Combattiamo*³, *Révolté*⁴, *Avanti!*⁵, além de trocar cartas com Carlo Cafiero⁶, amigo de Bakunin, Tolstói e Reclus. Com grande esforço, construiu um arcabouço teórico, em seu quarto:

Acumulava-se ali [nas estantes de Mateus], sob o ponto de vista libertário, uma rica biblioteca profissional. Subsídios e livros de toda a ordem, quase todos clássicos. Uns teóricos, tais: *O Socialismo Integral*, de Benoit Malon, *A Definição do Crime*, de Hamon, esse fascinativo breviário de revelações que é *Os Bastidores do Anarquismo*, de Flor O’Squarr, de Carlo Malato a *Filosofia da Anarquia, Da Comuna à Anarquia*; e entre eles alguns recentíssimos, como *O Anarquismo*, de António de Serpa, e a *Psicologia do Anarquista Socialista*, a derradeira obra, daquele mesmo ano, de Hamon. Outros falando de preferência à imaginação, ou de acentuado sabor prático, suge-

3 O tempo de publicação e o formato do *Combattiamo* podem ser encontrados na Biblioteca Universitária de Genova, no seguinte link: <https://bettini.ficedl.info/article90.html>

4 O jornal pode ser acessado na *Bibliothèque Nationale de France*: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb34359890n/>. E no *Centre International de Recherches sur l’Anarchisme* (CIRA): https://www.cira.ch/catalogue/index.php?lvl=notice_display&id=200917

5 O jornal foi publicado por um século, até 1993, e na *Biblioteca del Senato*. É possível acessar todas as edições, desde 1893, digitalizadas: <https://avanti.senato.it/avanti/controller.php?page=archivio-pubblicazione>

6 Carlo Cafiero foi um importante nome na disseminação das ideias anarquistas na Itália. Iniciou sua vida política em consonância com os ideais d’*O Capital*, de Marx, mas posteriormente rompe com essa teoria para se pôr ao lado de Bakunin na defesa do anarquismo.

rindo resoluções e esboçando programas, como: as duas brochuras célebres de Kropotkine, *A Moral Anarquista* e *Um sonho de Ansiedade*, de Jean Grave *A Sociedade Futura*, as *Páginas Rubras*, de Séverine, *A Conquista do Pão*, de Reclus. E mais se liam dessas duas terríficas estantes, vingadoramente enfileirados, entre outros, os nomes de Rudolph Meyer, Liebknecht, Proudhon, Naquet, Max Stirner, Molinari, Léon Say; e havia, soltas, colecções de processos de fama, os anais da *Mão Negra*, sanguinariamente garrotada pelo Governo espanhol, programas impressos de várias associações secretas, proclamações, opúsculos; em suma, um curso perfeito de iniciação, o foral completo da doutrina comunista-anarquista, trazida desde a origem na sua evolução vertiginosa – estremecido tesouro que o Mateus, durante anos, sistematicamente amontoara, com uma paciência, uma isenção e uma porfia inarráveis, tirando muitas vezes ao vestuário e ao sustento para poder acrescentá-lo. (BOTELHO, 1982, p. 193-194, grifos do autor).

Com essa grande quantidade de leituras, Mateus inicia um processo de relacionar o que vê e vivencia junto à massa proletária, com as teorias que propõem mudanças sociais que beneficiariam o grupo do qual faz parte. É com esse conjunto de conhecimentos e reflexões que o personagem propõe reuniões em que expõe aos menos instruídos os ideais anarco-socialistas e anarco-sindicalistas, com a pretensão de organizar uma possível revolução.

O narrador, como forma de justificar um dos interesses do personagem, compara-o com Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842 – 1921): “juntava-se ao simpatismo do seu ideal comum a analogia estrutural de suas almas” (BOTELHO, 1982, p. 175); em outro trecho, afirma que “Mateus era pois, como Kropotkine, fundamentalmente um apaixonado” (BOTELHO, 1982, p. 175). Convém apontar que a introdução do anarquismo em Portugal ocorreu, segundo Maria Filomena Mónica (1987), por Eduardo Maia, um médico conhecido que, em 1879, após ter lido Kropotkin, declarava-se anarquista.

Além disso, Mateus é apontado como o “arrebatado sucessor de Bakunin, na direção espiritual do partido” (BOTELHO, 1982, p. 175). Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814 – 1876), ao se distanciar da Primeira Internacional, organizada por Karl Marx, defende a revolução violenta e dá início à doutrina anarquista, ao passo que Kropotkin, seu leitor, foi um propagandista da educação libertária. Assim, interpretamos que o personagem do contramestre vai sendo construído pela comparação com outras figuras conhecidas, principalmente pela representatividade teórica anarquista, colocando-os no mesmo patamar de influência: Bakunin, como fundador do anarquismo revolucionário; Kropotkin, como disseminador dos ideais teóricos do anarquismo; e Mateus, como o representante de maior influência, tanto revolucionária quanto educacional, em Portugal.

O protagonista, portanto, dará início ao seu desejo de organização revolucionária ao ser admitido como contramestre em uma fábrica de fundição, onde enxergou a inevitável possibilidade de despertar o proletariado,

para inflamar-lhes o coração e polarizar-lhes, inflexíveis e altos ao direito caminho, os olhos, já não precisaria de andar caçando-os a espaços, em furtadas maquinações, como um facínora. Nada, agora tê-los-ia sempre ali assim, prontos e unidos, tão obedientes às suas ordens como ávidos dos seus conselhos. E nesta ordem de ideias logo tratou de lidar sem precaução, de tramar sem descanso. (BOTELHO, 1982, p. 188).

A influência dos livros e as opressões vividas pelo personagem são motivos importantes para a sua escolha política. Lombroso aponta que o altruísmo – já referido por nós – não é o único sinal característico dos anarquistas:

É, também, a falta de misoneísmo, típico de todos os homens, principalmente nos de pouca cultura. (...) Na investigação de

Hammon entre anarquistas, para descobrir como se fizeram partidários de tais ideias, a resposta mais frequente era:

Porque tinha um espírito de rebelião e vingança causado por causas pessoais ou leituras especiais.

“Sofri a mais terrível miséria” – escreveu Vogt, um trabalhador de 24 anos – “dois dias sem comida e o espírito de rebelião se revelou em mim”.

“Castigaram-me na escola comunal” – diz outro – “Tornei-me insubordinado e fugi”.

“Li Victor Hugo” – confessa um terceiro – “e meu espírito se revoltou contra a opressão atual”.

E, da mesma maneira, existe em grande parte [dos anarquistas] essa tendência à insubordinação congênita e hereditária, que surge sem causas determinantes. (LOMBROSO, 1895, p. 61)⁷.

Até o momento analisamos o comportamento do personagem, a seguir apresentaremos algumas características fisionômicas. O narrador descreve o contramestre sob a perspectiva dos trabalhadores da fábrica na primeira reunião clandestina da qual ele é participante:

7 Do original: “Lo es aun más la falta de misoneismo propio de todos los hombres, y principalmente de los de escasa cultura. (...) En la indagación hecha por Hammon entre los anarquistas, para averiguar cómo se hicieron partidarios de tales ideas, la respuesta más frecuente era:

Porque tenía en el ser un espíritu de rebelión y de venganza, provocado por casos personales o especiales lecturas.

Yo he sufrido la más horrible miseria – escribe Vogt, obrero de veinticuatro años – estuve dos días sin comer, y el espíritu de rebelión se reveló en mí.

Me castigaron en la escuela comunal – dice outro –; me insubordiné y huí.

Leí a Victor Hugo – confiesa un terceiro –, y mi espíritu se sublevó contra la opresión actual.

Y de igual modo existe en la mayor parte esta tendencia, a la insubordinación, congénita y hereditaria, que surge sin causas determinantes.”

À primeira vista, encantava... Tinha o ar, a um tempo, humilde e dominador, imperioso e tímido. O seu longo perfil semita, energicamente vincado da coroa do frontal ao mento acusava a tenacidade, dava bem eloquente o síndrome desta forma absorvente do querer, capaz ela só de arrastar às extremas soluções, no paroxismo dum sentimento ou no aferro a uma ideia. Cabelo castanho, olhos negros, e na base das narinas fumegantes a branda carícia dum bigode algodoado e fino, imperceptível quase. Atrigada e sem brilho, tinha a sua pele essa inalterável cor de marfim velho, que nos países do sol caracteriza os temperamentos fortes. A regularidade de linhas do rosto, a expressão ingênua e simples, o gesto comedido, rebuçavam de concerto o fioso agitador, a um exame superficial mostravam Mateus como sendo a mais pacífica e angelical das criaturas; mas o que quer que era de voluntarioso e arrogante chispava a espaços nos seus olhos, e imperceptíveis carfologias de impaciência corriam-lhe de relance nos dedos trémulos. Aquela mesma docilidade aparente não era senão o meio, tão suave como eficaz, de ele solidamente cimentar a sua vontade à custa do mínimo atrito sobre a vontade alheia. (BOTELHO, 1982, p. 42).

No trecho citado, os traços fisionômicos de Mateus confluem com traços de sua personalidade, uma característica típica do naturalismo. Como, por exemplo, o perfil semita com nariz adunco que seria o suficiente para “arrastar às extremas soluções, no paroxismo dum sentimento ou no aferro a uma ideia.” (BOTELHO, 1982, p. 42). A cor de sua pele, “essa inalterável cor de marfim velho, que nos países do sol caracteriza os temperamentos fortes” (BOTELHO, 1982, p. 42), também é apontada como um ponto de constituição da personalidade do contramestre, além de apresentar sua ancestralidade ao mencionar “os países do sol”. Em uma análise superficial de sua personalidade, Mateus era considerado “como sendo a mais pacífica e angelical das criaturas” (BOTELHO, 1982, p. 42), mas, em uma análise mais acurada, seus olhos trêmulos e suas imperceptíveis con-

trações involuntárias nos dedos denunciavam sua impaciência. A postura de Mateus é calculista e um meio para conquistar e “cimentar a sua vontade à custa do mínimo atrito sobre a vontade alheia.” (BOTELHO, 1982, p. 42).

Na descrição apresentada, podemos verificar que a maneira do contramestre apresentar-se aos operários é muito próxima e humilde, o que fica evidenciado pela sua fala na reunião clandestina: “– Devo começar por lhes dizer que não me traz a este lugar nenhuma sorte de ambição... Nem viso a que falem de mim nos jornais, nem pretendo engrandecer-me.” (BOTELHO, 1982, p. 43). Ao ser retrucado pelo operário Manaio que, “num dar de ombros incrédulo”, responde “– É a cantiga de todos!” (BOTELHO, 1982, p. 43), Mateus continua seu discurso e se justifica:

Traz-me aqui... mal parece eu dizê-lo, mas é a verdade! – e ao dizer, o Mateus, dobrando o braço, arrancava do peito a murro inflexões convictas – traz-me aqui o cuidado, o amor pelo vosso bem-estar... esta febre, esta ralé, esta ânsia constante por libertar os eternamente explorados, por galvanizar os fracos, por erguer os oprimidos... febre, cuidado e ânsia que tanto dissabor me têm causado... horas negras, noites de pavor, dias de fome! Ao mesmo tempo o tormento e a esperança, o mais fundo espinho e a preocupação essencial da minha vida! (BOTELHO, 1982, p. 43).

Na resposta do contramestre, é possível identificar a dissimulação da vontade do personagem que, segundo o narrador, procura manipular os trabalhadores para que obedeçam aos seus desígnios revolucionários, ainda que diga a eles o contrário. Ressalta-se a construção messiânica do personagem, que anseia “por libertar os eternamente explorados, por galvanizar os fracos, por erguer os oprimidos...” (BOTELHO, 1982, p. 43), mas isso tem de ser feito à custa do sacrifício pessoal, das “horas negras, noites de pavor, dias de fome!” (BOTELHO, 1982, p. 43), a vida cedida a uma causa superior.

Lombroso defende que

A vaidade, o misticismo ou a religiosidade exagerada, as vivíssimas e mais frequentes alucinações, a megalomania e o gênio intermitente, junto da agressividade própria dos epiléticos e histéricos, são atributos comuns aos inovadores políticos e religiosos. (LOMBROSO, 1895, p. 30)⁸.

Assim, podemos compreender a patologia que Abel Botelho procura desenvolver no romance *Amanhã*, ao criticar os inovadores políticos e religiosos. O fim da obra e da vida de Mateus é o suicídio. O conflito que o leva a cometer tal ato pode ser disposto da seguinte maneira: abandonar o atentado revolucionário, e os operários que nele confiaram, para ficar com a mulher amada (Adriana) *vs* continuar no protesto para preencher seu ego e concretizar sua missão messiânica. No momento de maior profusão de pensamentos, o contramestre cogita agredir Adriana:

– Ó Adriana, tome sentido! Não abuse mais da minha sensibilidade... não me obrigue a começar as violências por si! Vamos! Para trás... – E ante a ineficácia ridícula da sua ordem: – Bem, tenho então que recorrer à força, já que me não faço obedecer por outra forma! Compreendo... isto não é uma luta entre homem e mulher, é o conflito implacável entre duas castas! Raça contra raça, não é assim?... Pois vamos a ver quem vence! (BOTELHO, 1982, p. 530).

A mudança de humor de Mateus é extremamente rápida, quase instantânea. Em um momento pretende agredir aquela contestadora, em

8 Do original: “La vanidad, el misticismo o exagerada religiosidad, las alucinaciones vivísimas y muy frecuentes, la megalomanía y la genialidad intermitente, unidas a la acometividad propia de los epiléticos y los histéricos, son atributos comunes a los innovadores políticos y religiosos.”

seguida tem sua ação amenizada pela figura idealizada de Adriana, como uma mulher indefesa, sem culpa diante da sua cólera. Segundo Lombroso, “os nobres afetos dos delinquentes vão tomando sempre um traço doentio, excessivo e instável.” (LOMBROSO, 2016, p. 113).

Após Adriana interferir na ação de Mateus, tendo-o controlado, “numa violenta expiração de alívio, ergueu gratos olhos ao céu; depois afastou-se, pé ante pé, subtilmente, e atravessando rápida o parque, já desperto nos primeiros alvares da manhã, entrou em casa.” (BOTELHO, 1982, p. 532). Ao ir fechar uma das janelas, ocorre uma explosão, espalhando uma “impetuosa girândola de morte pelo ar. (...) um grosso projétil, despedido do exterior com violência, veio rolar-lhe aos pés... Ela abaixou-se, e viu que era a despegada cabeça do Mateus, numa pasta informe, fitando nela amargamente os olhos gelatinosos...” (BOTELHO, 1982, p. 532).

O fim do personagem pode ser explicado pelo seu “orgulho, ou melhor, a consideração excessiva pela própria pessoa, que notamos crescer no vulgo, na razão inversa do mérito.” (LOMBROSO, 2016, p. 113). Lombroso aponta que “o suicídio, sendo frequente nos dementes, será tanto mais nos delinquentes e deve ser ainda mais naqueles que são um e outro juntamente, tanto mais se for excitado por uma forte paixão” (LOMBROSO, 2016, p. 108).

O trágico fim de Mateus, na perspectiva de que o romance é uma crítica de Abel Botelho aos ideais anarquistas, confirma a utilização pelo autor português das teorias de Cesare Lombroso. As escolhas para a construção do personagem, portanto, não são aleatórias, e demonstram a perspicácia do escritor português em compreender as transformações científicas de seu período – finissecular – e associá-las aos preceitos do movimento literário naturalista.⁹

⁹ Este artigo recupera algumas reflexões iniciadas na Dissertação de Mestrado intitulada “*Amanhã* e o anarquismo: uma outra perspectiva de Abel Botelho”,

RECEBIDO: 26/11/2021 **APROVADO:** 02/05/2022

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Abel. *Amanhã*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1982.
- LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. Trad. Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2016.
- _____. *Los anarquistas*. Trad. Julio Campo e Gabriel Ricardo España. Buenos Aires: Imprenta Elzeviriana de P. Tonini. 1895. Disponível em: <https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/55917/1/130462.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021
- MÓNICA, Maria Filomena. Os Trabalhadores e os Anarquistas. In: ABREU, Carlos (Org.). *100 anos de anarquismo em Portugal, 1887-1987*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Biblioteca Nacional, 1987, p. 11-15.
- MOISÉS, Massaud. *A “Patologia Social” de Abel Botelho*. São Paulo: EdUSP, 1961.
- ROQUE, Sebastião José. Vida e obra de Cesare Lombroso. In: LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. Trad. Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2016, p. 5-12.
- SANTANA, Maria Helena. *Literatura e Ciência na Ficção do Século XIX: a narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2007.

MINICURRÍCULO

LUCIENE MARIE PAVANELO é professora da área de Literatura Portuguesa do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, campus de São José do Rio Preto, nos cursos de Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP, Mestre em Literatura Portuguesa pela USP, Bacharel e Licenciada em Letras pela USP.

defendida na Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, em 2020, e que estão sendo mais bem desenvolvidas na pesquisa de Doutorado em curso, realizada na mesma instituição.

MOISÉS BALDISSERA DA SILVA é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, campus de São José do Rio Preto. Mestre em Teoria e História Literária e licenciado em Letras Português e Francês, ambos pela mesma instituição.